

**O
MUNDO
QUE
HABITA
EM
NÓS**



Liliane Prata



**O
MUNDO
QUE
HABITA
EM
NÓS**

*Reflexões filosóficas
e literárias para
tempos (in)ensos*

609 instante

© 2019 Editora Instante
© 2019 Liliâne Prata

Direção Editorial: **Silvio Testa**

Coordenação Editorial: **Carla Fortino**

Revisão: **Andréa Vidal e Juliana de A. Rodrigues**

Capa e diagramação: **Estúdio Dito e Feito**

Ilustração de capa: **Lole**

1ª Edição: 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Laura Emília da Silva Siqueira CRB 8/8127)

Prata, Liliâne.

O mundo que habita em nós: reflexões filosóficas
e literárias para tempos (in)tenso /

Liliâne Prata. 1ª ed. — São Paulo:
Editora Instante : 2019.

ISBN 978-85-52994-11-4

1. Filosofia 2. Literatura brasileira

I. Prata, Liliâne.

CDU 130.2

CDD 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia
2. Literatura brasileira
100

Atualização de ortografia conforme o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil
a partir de 2009.

www.editorainstante.com.br

facebook.com/editorainstante

instagram.com/editorainstante

*O mundo que habita em nós: reflexões filosóficas e literárias
para tempos (in)tenso* é uma publicação da Editora Instante.

Este livro foi composto com as fontes Arnhem
e Pluto e impresso sobre papel Pólen Bold 90g/m²
na gráfica Corprint.

*Para todos os que sentirem vontade
de ler este livro.*

“Ontem no entanto perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo – quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação. Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? e no entanto não há outro caminho.”

Clarice Lispector,
A paixão segundo G.H.



Sumário

10 | *Apresentação* | **APRECIE COM (C)ALMA**
por Mil sons

14 | **VAMOS COMEÇAR?**

22 | *Parte 1* | **O “NÓS” QUE HABITA O “EU”**

23 | *1. Solidão, que nada*

29 | *2. A montagem humana*

36 | *Parte 2* | **O APAGAMENTO DO OUTRO**

37 | *1. Crise alérgica ao mundo*

56 | *2. Parecer versus ser*

73 | *3. Pressa, busca do prazer
e perda da singularidade*

88 | Parte 3 | MUROS E CARÊNCIAS

89 | 1. *Adequações e escolhas*

101 | 2. *Medo e controle*

116 | Parte final | O SI MESMO NO MUNDO

117 | 1. *O encontro com o si mesmo*

125 | 2. *O fortalecimento do si mesmo*

**132 | ALGUNS DOS LIVROS
QUE HABITARAM EM MIM
AO ESCREVER ESTE LIVRO**

136 | *Sobre mim*



Apresentação

**APRECIE
COM
(C)ALMA**

Há que ter mãos gentis e firmes ao receber este livro-rebento parido do coração de Liliane Prata. As letras inscritas carregam o sonho de longas e profundas contrações anteriores à obra. Livro para apreciar com (c)alma, imersão nas terras do “Eu-tu” em busca do *si mesmo*.

Liliane começa a obra com divagações criativas sobre a solidão contemporânea. Exclamações-estranhamento diante do excesso de estímulos, curtidas e presenças difusas. O conceito de “indivíduo” estabelece cisão com o mundo, inaugurando o desamparo e a falsa concepção do “eu” sem o “tu”. A autora esgarça a obviedade, revelando, no fulcro do “eu”, outros. São parágrafos talhados com perguntas-espanto, Sócrates de volta às praças. Nietzsche, Espinosa e Lin Yutang são convocados para sustentar a tese de que somos influenciados por forças do coletivo; reconhecê-las no mundo dos afetos abre os portais para escolhas em direção à potência e ao devir.

A obra prossegue com mergulhos poético-filosóficos no narcisismo expectante. Angústias, frustrações e decepções, nascidas das armadilhas idealizadas ante possibilidades reais. Utilizando desde imagens doces (brigadeiro) até perguntas dilacerantes (“Como fazer para, a partir das nossas percepções, enxergar melhor o mundo?”), a inquieta autora, em companhia de Kant, conclama-nos a experimentar novos sabores, olhar com outras lentes e abrir as percepções para o desconhecido. Primorosas são as reflexões sobre o mundo das aparências e do *si mesmo*, em diálogo com pensadores contemporâneos, indagações sobre redes sociais, aprisionamento do espetáculo e encenações. A tese de que o mundo da encenação nos leva à distância do *si mesmo* é criativamente defendida através de exemplos simples e sofisticados.

No capítulo 3, Liliane localiza na sociedade do consumo convites incessantes para o prazer. Prazer-fogo-fátuo. O hedonismo vigente exclui a relação criativa com os processos e a necessidade de lidar com a parte escura de tudo. O desejo parece o caminho ideal para encontrar a felicidade. Mas quem deseja em nós? Quais querereres são genuínos? O que almeja o *si mesmo*? O convite é de recuo e imersão no mundo de dentro. Há sugestões valiosas para ultrapassar o prazer pelo prazer. Embora a autora nomeie como “Parte final” o último capítulo, sinto que há ali algo iniciático. O *si mesmo* é revelado como núcleo do mistério. Sabidamente é porto seguro, mas desses que exigem navegação.

Liliane escreve como quem fala servindo um café, presença irradiante-mineira repleta de poderosos afetos — me parece imagem do *si mesmo* pulsante desta obra. Desejo, estimado(a) leitor(a), que você caminhe com este livro por esse

mundão cheio de maravilhas. É um tratado poético-filosófico dos mais nobres. Mil léguas distante da autoajuda, milimetricamente próxima do coração humano, demasiado humano, a obra de Liliane nos cativa com seu sorriso, choro sentido, espontaneidade e, sobretudo, integridade. Como são belos os seres íntegros, ancorados no *si mesmo*. Ébrio, entrego em suas mãos o filhote lilianesco: ame-o por sua conta e risco.

“Passava os dias ali,
quieto, no meio
das coisas miúdas.
E me encantei.”

Manoel de Barros

Mil sons

(Milson dos Santos),

**psicanalista junguiano e
acompanhante terapêutico**



**VAMOS
COMEÇAR?**

No meu desktop, mantenho uma foto da galáxia de Andrômeda, e gosto de olhar para ela como se estivesse fazendo uma espécie de *terapia das galáxias*. Andrômeda funciona como um bom lembrete da minha insignificância. Se esqueço que Andrômeda está lá, fico muito focada em mim, e o que eu sou, perto de Andrômeda? De acordo com dados disponíveis no site da NASA, há 200 bilhões de galáxias no universo observável — somos nada. Leio em uma matéria do jornal britânico *The Guardian* que cada vez mais astrônomos e cientistas falam em “multiverso” — mais um golpe no nosso ego. Estamos viajando na Terra assim como tantas estrelas, tantos planetas, tantos corpos vistos pelo telescópio e tantos mistérios, cercados por pessoas que estão aqui hoje e que vão morrer amanhã. Nosso planeta existe há mais de 4 bilhões de anos, e eu, você e nossos amigos nascemos quando? Vinte, quarenta, sessenta anos atrás? Como somos desimportantes.

Por outro lado...

Somos, cada uma e cada um de nós, seres tão complexos e ricos. Nosso interior é vasto demais, e é sempre um pouco assustador pensar que não há absolutamente ninguém no mundo igual a nós. Não só com a mesma digital, mas com a mesma história de vida, as mesmas experiências, enfim, o mesmo “pacote existencial”. Somos únicas, únicos. Para ser quem a gente é, somos resultado de tantos fatores, carregamos tantas nuances, tantas semelhanças, tantas diferenças que não dá para entender a gente assim, como se fôssemos qualquer nota. Os conhecimentos acumulados ao longo da história da humanidade, que vão da delicadeza de um ponto de bordado a uma pintura, uma vacina, um software, só são tão extensos porque cada ser humano carrega um oceano de possibilidades nessa dança entre seu multiverso interior e o multiverso lá fora.

Somos tudo ou somos nada? Somos tudo *e* somos nada, e nesse “e” reside uma das tantas tensões que fazem de nós, seres humanos, tão complexos. Mas esse é apenas um dos nossos emaranhados. Há outros, bem característicos dos tempos (in)ensos em que vivemos. São emaranhados que nos têm lançado para longe do mistério e da vastidão do multiverso e dos nossos vizinhos de vida e de mundo, e nos aprisionado em espirais mentais, achatando nossa experiência de estar vivo. Todos os dias, observo as angústias e demais desdobramentos dessas prisões. Leio as mensagens que recebo nas redes sociais de pessoas que desabafam comigo sobre estarem se sentindo perdidas, vazias, ansiosas; observo o mundo em que habito e o mundo que habita em mim. Tudo isso tem me trazido muita inquietação ultimamente, e foi por isso que escrevi este livro.

Como o mundo tem habitado em você?

Temos andado tão angustiados com quem (achamos que) deveríamos ser, com quem (achamos que) os outros deveriam ser e como (achamos que) a vida deveria ser, que acabamos desfrutando pouco do que somos, dos que os outros são, do que a vida é. Mais: acabamos nos afastando muito de quem somos e, com isso, nos sentimos perdidos, ansiosos e sem saber o que queremos de verdade. Mas, afinal, quem nós somos?

Frequentemente, não nos damos conta de quais dos “nossos” pensamentos e comportamentos fazem mesmo sentido para nós, e quais estamos apenas reproduzindo por termos aprendido que são os “corretos”, os “naturais”. Até que ponto somos assim tão donos de nossos pensamentos e emoções? Por exemplo, alguém que aprendeu a ter raiva de certo grupo ou situação pode passar a vida reproduzindo essa raiva, como se ela fosse absolutamente “sua”, quando se trata apenas de repetição do que, um dia, foi entendido como o “certo”. O que dizer da tensão circundante que paira ao nosso redor, em uma sociedade tão raivosa como a nossa? Quanto da raiva que circula em nosso interior não é diariamente captada para dentro, como que inalada com o ar?

E quem é esse “você” que briga com os próprios pensamentos? Até que ponto esses “próprios” pensamentos são tão seus assim, tal como suas “próprias” escolhas, se, afinal, você, como todos nós, é influenciado o tempo todo pelo que aprendeu desde cedo e por tudo aquilo que vê, que escuta, que entende como “verdade”? Quantos “você” habitam aí dentro do seu corpo? Quem é você? Como se tornou quem é hoje? Você se sente à vontade com o seu “eu”

ou um pouco desconectado dele? Afinal, o que é isto que chamamos de “eu”?

Penso na fala do personagem interpretado por Michel C. Hall no filme *Christine*, de Antonio Campos: “É como se cada um de nós tivesse diferentes versões competindo para ver qual delas é o eu verdadeiro”. Talvez

você se pergunte se existe um “eu verdadeiro”, se isso não seria uma invenção, uma construção, uma colagem de tudo o que aprendemos ao longo da vida; se faz sentido, enfim, falar em quem somos “de verdade”. Faz sentido buscar nos conectar com nossa “essência”, nossa “natureza”, esse tipo de coisa? É possível separar nossos pensamentos daquilo que nos foi ensinado ao longo da vida em sociedade e alcançar nosso eu mais selvagem, digamos, nosso eu mais livre, mais cristalino e descontaminado? É disso que se trata?

Essas são questões antigas na filosofia, na literatura, na psicologia, no misticismo.

Não é simples, e talvez nem interesse a muitos de nós, buscar uma resposta para isso que chamamos de eu. Porém, é muito concreta a sensação de vazio, de estar perdido, quando

“Até onde se pode ser realmente livre?

Como seria um ser humano totalmente livre, sem nenhuma repressão, sentindo que, no entanto, ele faz parte de um mundo caótico e que milita contra a sua liberdade? Se você sentir que o teu ‘eu’ está sofrendo uma deterioração na sua parte mais funda e autêntica, no seu âmago álmico – o que poderia acontecer depois?”

Hilda Hilst, *Fico besta quando me entendem*

nos distanciamos de nós mesmos. Quando sentimos um descaixe profundo entre quem somos e quem achamos que somos, quando existe um abismo entre aquele que somos e aquele (aqueles) que parecemos ser, quando suspeitamos que, no fundo, estamos vivendo uma vida que não é nossa. É por isso que é tão crucial parar um pouco e se debruçar sobre a questão, pelo menos uma vez na vida. Silenciar os ruídos lá fora, desligar o celular, respirar e tatear o seu dentro.

Se nunca foi tão difícil viver, não sabemos ao certo. Afinal, olhamos a história da humanidade a partir de onde nos encontramos hoje, e é tentador cair na armadilha do “Antigamente é que era bom” (quando alguém diz isso, um amigo meu adora ironizar: “Ah, verdade, na Idade Média é que era bom!”). De todo modo, se cada época teve seu *ethos*, ou seu cansaço característico, anda bem difícil lidar com o cansaço da nossa época. Peço licença aos nossos antepassados para me concentrar nos tempos em que vivemos. Por que estamos tão exaustos?

Não são poucos os autores e autoras que, ao analisar a contemporaneidade, têm se debruçado sobre o fato de es-

tarmos nos perdendo em um redemoinho de idealizações, imediatismos, comparações, angústias e frustrações, de estarmos míopes para a alteridade e confundindo narcisismo com amor-próprio. Gosto de pensar essas questões nestes termos simples: temos sido lançados para cada vez mais longe de nós mesmos, e isso tem nos arremessado para longe dos outros seres humanos e do mundo.

“Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro/ Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro.”

Belchior, *Sujeito de sorte*

Muitos e muitas de nós têm sentido um vazio recorrente, experimentado uma falta de sentido na vida. Muitos andam hipersensíveis às suas dores e desenvolvendo uma certa alergia ao mundo, este mundo ameaçador que nos enche ora de melancolia, ora de raiva. A melancolia, sabemos, pode extinguir nossa vontade de viver. E a raiva, fermentada pela imaginação, transforma-se em ódio: ódio ao outro, ódio à diferença, ódio ao mundo, este mundo que mal está se enxergando, este mundo tão mediado por inúmeras camadas de fantasias e expectativas. Para tantos e tantas de nós, é como se o contato consigo mesmo e com seu entorno estivesse tão enevoado que só é possível sentir que se está vivo se os sentidos estiverem muito estimulados por excessos de todo tipo. Como se fosse preciso colocar um pote inteiro de sal na comida para finalmente sentir seu sabor.

Como estamos sendo lançados para longe de nós mesmos e nós mesmas? Como atravessar essa separação e seguir irradiados pela sensação de estarmos vivos, atentos e conscientes, em vez de desanimados ou cambaleantes entre o tédio e os

“Acontece que eu não estava conduzindo nada, nem a mim mesma. [...] Imagino que eu deveria estar entusiasmada como a maioria das outras garotas, mas eu não conseguia me comover com nada (Me sentia muito calma e muito vazia, do jeito que o olho de um tornado deve se sentir, movendo-se pacatamente em meio ao turbilhão que o rodeia).”

Sylvia Plath,
A redoma de vidro

delírios de grandeza e euforia? Como sentir, no final de nossa vida, que fomos nós que a vivemos, e não um simulacro de nós? Como sentir que fomos nós mesmos que vivemos nossa vida, e não nossa cópia mais malfeita, não uma caricatura de nós?

Ironia contemporânea: com tantos abismos que nos distanciam de nós mesmos, nunca foi tão importante o antigo “Conhece a ti mesmo” do Oráculo de Delfos, a inscrição no templo grego em homenagem a Apolo.

As reflexões que compartilho neste livro são fruto das minhas leituras de ficção, poesia, filosofia, psicologia e outras áreas de conhecimento e do que vivi na meditação, na análise, nos encontros com as tantas pessoas que encontrei desde meu nascimento, nos meus momentos de lucidez e de loucura, nos sustos, lágrimas e risos, na auto-observação e na observação do mundo. Espero que, após a leitura, você ganhe mais consciência de si mesma/si mesmo, aumente sua compreensão sobre as distâncias e os emaranhados entre você e as coisas, distinga com mais clareza o que quer daquilo que não quer para você, e sinta mais profundamente, com mais graça do que frustração, a experiência de estar vivo.

Boa leitura!

“Se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início, se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara.”

Clarice Lispector,
Se eu fosse eu